

Marcuse e a dimensão estética

Com o lançamento de um dos últimos ensaios de Herbert Marcuse, "A dimensão estética", pela editora Martins Fontes, as novas gerações têm uma excelente oportunidade de entrar em contato com as idéias desse importante filósofo, ameaçado de cair no esquecimento pela atual onda de conformismo

Herbert Marcuse nasceu em 1898, em Berlim. Com vinte anos, participou da insurreição liderada pelo movimento espartaquista, inspirado pelas idéias de Rosa Luxemburg. Nunca se filiou, porém, ao Partido Comunista Alemão, que se formou a partir da Liga Spartakus. E também jamais chegou a se filiar à social-democracia.

Diante dos impasses da esquerda alemã, passou a se dedicar aos estudos universitários. Foi para Freiburg, onde se tornou aluno de Heidegger, que veio a ser o seu orientador na preparação da tese de doutorado, defendida em 1932, sobre *A ontologia de Hegel e os fundamentos de uma teoria da historicidade*. Nesse período, estava empenhado em repensar o materialismo histórico à luz de preocupações nas quais era visível a influência do autor de *O ser e o tempo*. Dois ensaios dessa época foram traduzidos e lançados no Brasil em 1968 pela editora Tempo Brasileiro num único volume: *Materialismo histórico e existência*.

Após a ascensão de Hitler ao poder, Marcuse, com suas convicções de esquerda e suas raízes judaicas, precisou sair rapidamente da Alemanha; foi para Geneve, na Suíça, e em seguida - a partir de 1934 - se radicou nos Estados Unidos, quando passou a trabalhar em contato regular com Max Horkheimer e Theodor Wiesengrund Adorno, em ligação com as atividades do Instituto de Pesquisa Social.

Em 1941, publicou um livro importante sobre o mesmo pensador de que havia se ocupado em sua tese de doutorado: Hegel. Existem duas edições desse trabalho no Brasil: *Razão e revolução*, editora Saga e editora Paz e Terra.

Em 1955, lançou o ensaio *Eros e civilização* (edição brasileira da Zahar), que propunha uma instigante reinterpretação do pensamento de Freud, especialmente do último Freud, à luz de preocupações marxistas; e submetia, por outro lado, o marxismo a uma revisão crítica de inspiração freudiana. Para Marcuse, Freud teria incorrido num excesso de pessimismo quando, ao identificar civilização com repressão, excluiu a possibilidade da criação de uma civilização não repressiva. Ele advertia, contudo, que o pessimismo de Freud se mostrava inteiramente justificado na sua visão da cultura contemporânea; e permitia que o sábio vienesse enxergasse na vida cultural formas de repressão que os marxistas costumavam subestimar.

Como colaborador do Instituto de Pesquisas sobre a Rússia, na Universidade de Harvard, Marcuse preparou um estudo crítico, agudamente polêmico, sobre *O marxismo soviético*, publicado em 1958.

Posteriormente, lecionou na Universidade Brandeis, de Boston, onde redigiu seu livro de maior sucesso imediato, intitulado *O homem unidimensional* (lançado no Brasil pela Zahar com o título *Ideologia da sociedade industrial*).

Essa obra ampliou consideravelmente o círculo dos leitores de Marcuse em todo o mundo e permitiu que, em 1965, fossem lançados com algum êxito na Alemanha dois volumes de ensaios de sua autoria com o título geral de *Cultura e sociedade*.

Em *O homem unidimensional*, ele sustentava a idéia de que formas totalitárias de manipulação dos homens estavam se desenvolvendo paralelamente, por caminhos diversos, tanto na União Soviética como nos países mais industrializados do Ocidente. Nestes últimos, teriam sido forjados mecanismos capazes de "absorver" o proletariado, solapando o espírito crítico dos trabalhadores. Ter-se-ia montado um sistema que, proporcionando satisfações materiais aos consumidores, podia incorporar os sindicatos à sua dinâmica. No en-

tanto, a unidade imposta pelo sistema em proveito dos seus grandes beneficiários (o "establishment") levaria sempre, inevitavelmente, à marginalização de algumas áreas: jovens, estudantes, minorias étnicas, grupos de comportamento "desviante", etc. E essas áreas passavam a constituir as forças que a esquerda deveria ser capaz de mobilizar na luta contra a alienação.

A repercussão dessas idéias foi muito grande. Quando "explodiram" as manifestações de protesto dos estudantes em 1968, muita gente viu em Marcuse um dos grandes insufladores da onda de rebeldia. O mais famoso dirigente do movimento estudantil alemão, Rudi Dutschke, homenageou o filósofo, declarando-se seu admirador. O aplauso, contudo, não era unânime. Mesmo entre os líderes revoltados, houve expressões de repulsa ao autor de *O homem Unidimensional*. Daniel Cohn-Bendit, por exemplo, repeliu-o, alegando que ele era um agente norte-americano e tinha trabalhado para o Office of Strategic Service.

Freud teria incorrido num excesso de pessimismo quando, ao identificar civilização com repressão, excluiu a possibilidade da criação de uma civilização não repressiva

Era uma acusação mesquinha. Se Marcuse prestou serviços ao OSS, ele o fez durante a guerra, em função do combate às tropas nazistas. E depois da vitória contra a barbárie hitleriana não se pode encontrar na conduta do filósofo nenhum indicio de conciliação, de atenuação da sua visão crítica do país que o acolheu. Ao contrário: a sociedade estadunidense lhe parecia ser a própria encarnação viva dos males por ele combatidos. Os Estados Unidos, a seu ver, proporcionariam a seus cidadãos uma liberdade muito mais aparente do que real, envolvendo-os, solertemente, numa teia de banalidades e capitulações, de mediocridade, hipocrisia e conformismo. O consumismo esvaziava a democracia.

A denúncia veemente do consumismo valeu a Marcuse, em 1968, uma enorme notoriedade. Alguns críticos o apontaram como o grande teórico de uma "nova esquerda". O filósofo, contudo, consciente de suas limitações, recusou o rótulo: limitou-se a declarar que se alegrava com o fato de poder contribuir, ainda que modestamente, para a mobilização das forças capazes de lutar por mais liberdade e mais democracia.

Suas obras eram lidas e discutidas, mas a fama não o embriagava, não lhe subia à cabeça. Muitos estudantes invocavam a autoridade dos 3 MMM (Marx, Mao e Marcuse), porém ele não perdia o senso autocrítico. Discordia sobre os temas que lhe pareciam cruciais: a alienação, os conteúdos mistificadores do discurso liberal sobre a tolerância, a legitimidade da revolta, a importância da utopia (há uma edição brasileira da Paz e a Terra do livro "O fim da utopia").

Permaneceu fiel a si mesmo. Ao longo dos anos setenta, verificou-se um refluxo da onda, a combatividade do movimento estudantil tendeu a diminuir, a rebeldia foi sendo habilmente neutralizada pelas forças conservadoras. Marcuse observou esse movimento sem qualquer desespero, filosoficamente. Não tinha ilusões, por isso não se desiluiu: sabia que o caminho ia ser longo e penoso.



A denúncia veemente do consumismo valeu a Marcuse, em 1968, o rótulo de grande teórico de uma "nova esquerda"

Após sua morte, em julho de 1979, os livros que deixou passaram a ser menos lidos e as idéias que o notabilizaram começaram a ser abandonadas pelos que as haviam admirado. Hoje, está criada uma situação na qual Marcuse, depois de ter sido superestimado por muita gente, corre o risco de ser desprezado por uma massa crescente de leitores que o ignoram.

E preciso reagir contra isso. Como no auge do seu prestígio não fez parte do coro dos seus devotos, me sinto muito à vontade para lembrar que não podemos nos permitir o desleixo de esquecer reflexões instigantes como as do autor de *Eros e civilização*. E aproveito para evocar as concepções que ele expôs em um dos seus últimos trabalhos, o ensaio *A dimensão estética*, que a editora Martins Fontes lançou há poucos meses.

É um ensaio denso, bem escrito, onde ele desenvolve seu pensamento a respeito da arte, declarando-o francamente um pensamento derivado da teoria estética de Theodor Adorno.

Nesse ensaio, Marcuse questiona a "ortodoxia" predominante na estética marxista, sustentando que "a arte é absolutamente autônoma em face das relações sociais existentes", já que ela "não só contesta essas relações como, ao mesmo tempo, as transcende". Assim, não tem sentido procurar fazer da literatura (e da arte em geral) a representação dos interesses e da visão do mundo de uma determinada classe. É tolice tentar atrelar a literatura e a arte à revolução política ou ao movimento da classe operária. "A literatura pode ser, de certo modo, revolucionária, mas só em referência a si própria, como conteúdo transformado em forma". Coerente com essa convicção, Marcuse afirma que são revolucionários tanto o *Woyzeck* de Buchner e as peças de Brecht como a ficção de Kafka e o teatro de Beckett.

Por um lado, Marcuse reconhece que a sociedade em que vivemos precisa ser substancialmente transformada e só pode ser modificada de maneira signifi-

ficativa pela práxis política radical. Por outro lado, ele está convencido de que determinados anseios libertários dos sujeitos humanos necessitam da arte para se expressar. O amor, o ódio, a alegria, a tristeza, a esperança e o desespero se ligam, certamente, à práxis histórica e social dos homens, mas não é fácil reduzi-los a "forças produtivas" ou dissolvê-los em "relações de produção".

Quando explodiram as manifestações de protesto dos estudantes em 1968, muita gente viu em Marcuse um dos grandes insufladores da onda de rebeldia

Marcuse investe contra a estética "ortodoxa" do marxismo e, embora evite nomeá-lo, o teórico que ele constata é, com frequência, Lukács. "Mesmo nos seus representantes mais notáveis" - acusa - "a estética marxista tem promovido a desvalorização da subjetividade". E prossegue: "Daí a sua preferência pelo realismo como modelo da arte progressista. Daí a desqualificação do romantismo como reacionário. Daí, também, a denúncia da arte 'decadente' e o constrangimento que ela sente quando enfrenta a tarefa de avaliar a qualidade estética de uma obra que não se enquadra no esquema das ideologias de classe".

O condicionamento de classe não é negado, porém é considerado insuficiente. Com base nele, a teoria não chega sequer a tocar na força "subversiva" da arte. Quando dá forma artística ao conteúdo de uma experiência humana, o artista "desvia" a consciência da realidade imediata; mas esse "desvio" cria uma espécie de "contraconsciência", de caráter claramente não conformista. A "contraconsciência" quebra o monopólio da realidade estabelecida, dessa realidade

aos nossos ouvidos com ressonâncias românticas simpáticas porém um tanto ingênuas. Para Marcuse, quando a arte ri, seu riso funciona como um sinal de alerta contra a aridez dos dogmas; e quando a arte é pessimista ela ajuda a romper com o otimismo beato da "consciência feliz" que se infiltra nas certezas humanas. A arte - declara o filósofo - tem algo de "uma festa de sensualidade", que "desestruturou a experiência cotidiana".

Marcuse acha que a vitalidade da arte, que lhe permite resistir à passagem do tempo, se deve ao fato de que a arte tem raízes na natureza, no enraizamento "natural" dos homens. Os seres humanos que fazem a história também são guiados por "instintos vitais", por pulsões "erótico-destrutivas" e impulsos "associativos". Mesmo quando, aos olhos das exigências imediatas da práxis política, a arte aparece como "elitista" ou "decadente", ela sempre pode desvendar "zonas interditas", áreas da experiência natural-humana que estão sendo escamoteadas pelas formas assumidas pela existência social. A arte, então, assume a função do que Marcuse chamou de "A Grande Recusa" (em *One-Dimensional Man*).

Para o filósofo, a arte combate a reificação, a "coisificação" provocada pelo mercado capitalista, e faz falar, cantar, talvez dançar, a palavra petrificada

Para poder exercer essa função, a arte precisa ser transgressora. A morte e o próprio demônio podem ser aliados dela na luta para não se submeter à lei e à ordem. Por mais que se transforme historicamente e se entrelace com as mais diversas formações sócio-econômicas (e estruturas políticas), a arte permanece fiel às suas origens, que se encontram na humanização do homem a partir da natureza. A arte dá sempre testemunho da "não identidade permanente do sujeito e do objeto". Para isso, ela precisa da autonomia: usa a referência mimética à realidade objetiva em função de uma "subversão" na consciência do sujeito. Através dessa "subversão", a experiência "é intensificada até ao ponto de ruptura", de tal modo que "o indizível é dito", "o invisível é visto" e "o insuportável explode".

O movimento criador do artista depende da forma. A conquista da forma é uma espécie de ética da arte. Qualquer amolecimento, qualquer concessão ou capitulação na busca da forma é, no artista, uma "abdicação de responsabilidade". E pela forma que o artista pode capturar momentos humanos decisivos e lhes dar expressão permanente, superando a corrosão que eles tendem a sofrer na realidade banalizada e vulgarizada do cotidiano. A forma impede que esses momentos intensamente vividos pelos homens se percam na poeira do esquecimento provocado pela reificação, isto é, pela "coisificação" acarretada pelo mercado capitalista. A forma os insere numa ordem nova, não repressiva, regida por Eros (quer dizer, pelo freudiano "princípio do prazer"). Eros nos dá a possibilidade de, pela arte, escapar à tirania do "princípio da realidade" e à ditadura da reificação. Marcuse escreve: "A arte combate a reificação fazendo falar, cantar e talvez dançar a palavra petrificada".

Em seu livro *Eros e civilização* (que é, talvez, sua obra mais importante), Marcuse ilustra sua concepção recorrendo à mitologia grega. Segundo ele, estamos vivendo o fim da era de Prometeu e o começo de uma nova era, a da ressurreição de Orfeu. Prometeu - o herói preferido de Marx - roubou o fogo dos deuses e o trouxe para os homens, dando-lhes, assim, um poderoso meio de, pelo trabalho, pela indústria, dominar a terra. Orfeu, o poeta e cantor, representa o amor e a alegria; ressurgindo, neste final do segundo milênio, ele nos trará a verdadeira libertação, a vitória de Eros.